

HISTÓRIAS DE MULHERES DE ANAURILÂNDIA/MS

Evelin Maria Rodrigues dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho aborda a história de Anaurilândia sobre a perspectiva de mulheres que foram ouvidas através de entrevistas nas quais elas contam suas trajetórias na cidade. O primeiro passo, foi fazer uma entrevista com perguntas sobre a história das mulheres em Anaurilândia. O segundo foi escolher mulheres que tinham morado ou ainda moram em Anaurilândia. Analiso aqui as narrativas destas mulheres pensando a história da cidade a partir de suas trajetórias.

Palavras-chave: História oral, História regional, História das Mulheres.

Abstract: This paper addresses the history of Anaurilândia from the perspective of women who were interviewed in which they tell their stories about their lives in the city. The first step was to create a questionnaire with questions about the history of women in Anaurilândia. The second step was to select women who had lived or still live in Anaurilândia. Here, I analyze the narratives of these women, considering the history of the city based on their stories.

Keywords: Oral history, Regional history, Women's History.

Introdução

O artigo tem como proposta explicitar uma parte fundamental sobre a história da cidade de Anaurilândia/MS a partir das narrativas de mulheres utilizando a história oral como metodologia, a fim, de compreender suas histórias de modo geral, uma vez que, incluído aquilo que envolve como ser humano, ou seja, compreender suas idealizações, motivações, inspirações e realizações, compreendemos um pouco do que constitui a própria cidade.

Portanto, através deste estudo sobre a história dessas mulheres de Anaurilândia pretendi aprofundar-me com motivação, reconhecimento e valorização, na atualidade, evidenciando como a cultura dessas mulheres se constrói através de relações de desigualdades. Assim como, evidenciar a presença de mulheres na historiografia como agentes históricas e incentivar um interesse amplo e epistêmico pelo estudo de inclusão de mulheres na história, tentando quebrar o silêncio que as mulheres tiveram ao longo dos anos, tentando incluí-las cada vez mais na historiografia e valorizar suas contribuições para a sociedade reconhecendo a importância de suas vidas.

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, campus de Nova Andradina.

Portanto,

A recuperação da memória feminina nos ajuda a fortalecer os processos de discriminação e de resistência à hegemonia dos discursos de poder e de sistemas de representações androcêntricos presentes. Tais memórias nos revelam como a recuperação desses sujeitos coloca as mulheres num processo de tomada de consciência, demonstrando a identificação do sujeito coletivo com sua experiência no processo histórico. (Perrot, 2007, p. 32)

Para tanto as narrativas elaboradas pela memória contribuem como fontes de pesquisa permitindo a preservação da lembrança do passado, armazenando e atualizando informações permitindo que a história narre e vivencie práticas humanitárias entre passado, presente e futuro. A memória é uma das fontes base para a construção de uma identidade, porque é através da memória individual que a própria imagem das pessoas forma uma base que influencia no modo de agir, pensar e falar uns/mas com os/as outros/as. Utilizando a metodologia da história oral ouvi pessoas e suas diversas histórias, valorizando cada uma delas, tendo como foco principal a construção histórica de mulheres que moram há muito tempo na cidade, comparando uma linha temporal entre passado e presente.

Durante a

[...] década de 1960 quando foram dados os primeiros passos na história oral como metodologia de trabalho, constituíram-se dois princípios que a avaliaram: o primeiro foi a equiparação da história oral com a democratização da prática histórica; o segundo foi a ideia de que a história oral daria voz aos silenciados. às classes subalternas, aos pobres, às mulheres, aos(às) camponeses(as), às minorias étnicas, entre outros grupos, permitindo o acesso à experiência histórica subjetiva. (Tedeschi, 2014, p. 15)

Utilizei a história oral como metodologia de pesquisa a fim de coletar e analisar relatos e depoimentos de mulheres que vivenciaram acontecimentos, modos e processos que ocorreram dentro da cidade de Anaurilândia/MS, permitindo-me testemunhar, registrar, pesquisar, preservar, sentir e analisar suas memórias. Por este meio a estratégia metodológica foi coletar as memórias individuais para permitir a construção de um pensamento crítico com o intuito de mostrar a importância de valorizar a memória e a construção de relatos que foram compartilhados.

Este trabalho foi dividido em três subtítulos: no primeiro apresento uma discussão metodológica discorrendo sobre história oral para pesquisa de história das mulheres; no segundo trago um breve histórico de Anaurilândia, como surgiu e o

porque de ter recebido este nome, no terceiro, busco conciliar relatos de mulheres a partir de entrevistas de diferentes datas expondo como eram sua vidas nesta cidade e, por fim, em minhas últimas considerações procuro entender, através de materiais coletados, a importância desses relatos para a história.

História oral e história das mulheres

Para este subtítulo três referências foram fundamentais, *Escrever a história das mulheres* (Perrot, 2012); *A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero* (Soihet e Pedro, 2007); e *Desafios da história oral do século XXI* (Joutard, 2000). Como metodologia de pesquisa, a história oral foi o caminho para materializar a história das mulheres na historiografia local a partir de narrativas que foram alcançadas através das entrevistas.

Toda memória é um ato de construção histórica (passado, presente e futuro), sujeita a deformações como situações de ocultação ou transformação de fatos, ou seja,

para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, defeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígio. (Perrot, 2012, p. 21)

Portanto, cada indivíduo através da história oral reflete uma construção de memória através do papel social. Dentro da construção da memória através da história oral, também existem questões relacionadas a gênero dentro de discursos que envolvem reflexões e interpretações do passado. Permitindo, fazer uma reflexão crítica sobre a memória através de fontes escritas para que suas histórias possam ser aprofundadas.

De acordo com Joutard,

[...] o oral nos revelam o “indescritível”, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas “ insignificantes” - é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode aprender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão, que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente conhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional. (Joutard, 2000, p. 33)

Não é possível escrever uma história sem a memória de mulheres independente da etnia, classe social e da idade. Acredito que colocar as mulheres visíveis na história, ouvir seus relatos e experiências, é como fazer ressoar a voz delas e incluí-las cada vez mais na sociedade e na historiografia. Tentando quebrar cada vez mais essa ideia de silenciamento e invisibilidade de que as mulheres devem ser vistas apenas como reprodutoras e cuidadoras.

Portanto, ouvir as vozes dos/as silenciados/as na história oral constitui em traçar um caminho de conhecimento, de produção e investigação histórica com desafios, ou seja, ter o conhecimento histórico através do olhar investigativo e reflexivo é um dos maiores desafios. Não se trata apenas de abraçar ou buscar sujeitos históricos silenciados, tentar quebrar a invisibilidade de mulheres na história é importante, mas é uma tarefa árdua. Para tentar quebrar essa dicotomia do silêncio é preciso que essas vozes surjam como instrumentos de auto suficiência, para uma perspectiva histórica dominante. (Perrot, 2012, p. 16) A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso.

De acordo com as três principais referências anteriormente citadas, percebe-se que na historiografia existem diferentes formas de escrever as histórias das mulheres, porque, elas passam a ser, com o tempo, sujeitas de seus próprios relatos. Como mencionado acima, muitas mulheres foram alvos de um relato histórico que as levou como objetos do silenciamento e da invisibilidade, ato que para os homens no privado elas eram vistas apenas como cuidadoras e donas de casa.

Poucas mulheres, no passado, deixaram vestígios de materiais como fontes históricas, muitas vezes vestígios escritos por elas eram destruídos por essas mulheres. Como diz Perrot (2012, p.17), “o silêncio mais profundo é o silêncio do relato, que se faz pelo exclusivismo político, econômico e social, idealizado por homens”.

Conforme, foram ganhando visibilidade com o tempo, as mulheres foram tendo uma inclusão social, ficaram mais vistas, lembradas na sociedade e na história. Com a participação dessas mulheres na sociedade, teve uma evolução significativa, com direitos em diferentes campos (educação, trabalho, direito a voto, direitos trabalhistas, direito à lei Maria da Penha, entre outros vários direitos). Mas

apesar de suas conquistas ainda existe um grande desafio, entre eles, a desigualdade de gênero e social.

Por fim, Joutard (2000) nos traz a ideia, um dos maiores desafios dentro da história oral, que é reconhecer a trajetória de indivíduos que merecem ser ouvidos, respeitar suas especificidades e ter uma visão que ultrapasse o clássico.

A história oral como metodologia de pesquisa, permite ter um conhecimento amplo dentro da contemporaneidade. Percebemos que a história oral teve um grande impacto nos métodos e nas técnicas de pesquisa, no qual permitiu ter conhecimento e acesso a vários documentos (sites, entrevistas, biblioteca, entre outros acessos), ou seja, a história oral permite um conhecido através de fontes para a construção de um trabalho diante de narrativas de mulheres que presenciaram e vivenciaram acontecimentos através da memória. Portanto, a história oral deve ser um marco importante a fim de entender suas mudanças e contribuições que tiveram dentro da sociedade. É desenvolvendo um diálogo que se cria um clima de segurança, confiança e interesse. Por meio desta tática permite que o/a entrevistador/a (historiador/a) tenha a missão de compreender a fala do/a entrevistado/a a partir de seus contextos para que o/a historiador/a tenha uma visão mais detalhada para sua escrita.

Assim, o trabalho me permitiu como metodologia de pesquisa ter o conhecimento e experiências através de relatos de mulheres de Anaurilândia, despertando-me o interesse de registrá-las e preservá-las como fonte de memória.

Anaurilândia/MS antigamete

Anaurilândia é uma cidade do interior do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada no Sul da região centro Oeste e a leste do estado fazendo divisa com os estados do Paraná e São Paulo.

Em 19 de janeiro de 1940, Ciríaco Gonzales foi um dos fundadores de Anaurilândia/MS, que antes era chamada de “Água Amarela”. Em 1916 Ciríaco e Major Cecílio Manoel da Costa radicaram às margens do Riacho Quiterozinho. Acredita-se que naquela época a cidade teve início com umas 20 pessoas.

O fundador “Ciríaco”, foi casado com a Dona Anaurelissea Gonzales, seu nome foi uma homenagem a cidade antes “Água Amarela” passou a se chamar “Anaurilândia”.



Figura 1: Fundador Ciríaco Gonzales
Fonte: Acervo da Padaria do Mia

Em 1951, Ciríaco construiu a primeira Igreja e ao lado construiu a primeira escola.



Figura2: 1ª Igreja católica e 1ª Escola Maria José
Fonte: Acervo da Padaria do Mia

A partir de uma entrevista com uma escritora chamada Eni Godoy, ela relatou-me que as escolas na época eram em fazendas, ou seja, um/a professor/a era contratado/a por um/a fazendeiro/a e trabalhava por um determinado período de 4 a 6 meses em cada fazenda. Alfabetizava os/as filhos/as dos/as fazendeiros/as e os/as filhos/as dos/as empregados/as. Em 1933, o Professor José Aragão Bulcão deu aula em uma fazenda chamada Mimoso, onde reunia crianças da região para aprender a ler e a escrever. Em 1935, chegou o professor Paulo Ney que lecionou na fazenda Jataí, cujo proprietário era Eduardo Fernandes dos Santos e em outras várias escolas da região. Com a fundação do Patrimônio da Água Amarela havia vários/as filhos/as de colonos/as que precisavam ser alfabetizados/as, se

organizaram, construíram, reuniram e construíram uma escola chamada Maria Reunida que depois passou a ser chamada Maria José.

A fonte de economia da região onde se consiste o Município de Anaurilândia, era a exploração de erva mate, planta nativa da região. Um dos principais ervateiros foi o senhor Eduardo Fernando dos Santos, representante da Companhia Mate Laranjeira.



Figura 3: Paraguaios na coleta de erva-mate
fonte: Acervo Padaria do Mia

Eni, acrescenta que na época não tinha mercados, alguns vendedores levavam o que eles produziam e realizavam barganhas entre as pessoas, produtos que eles não tinham (Tecidos de roupas, calçados, ferramentas, munições e remédios). Naquela época as mulheres trabalhavam apenas nas casas realizando plantação de hortas, faziam farinha de mandioca, polvilho e plantações de milho e ajudavam nas roças, criavam porcos e galinhas.

Atualmente, o município de Anaurilândia tem em média 7.735 habitantes. Percebemos como teve um aumento gradual de pessoas. Hoje a economia é baseada no agronegócio tendo destaque para as plantações de soja, milho e mandioca, além de gado de corte e leite. Hoje a cidade tenta investir em grandes empresas como, frigorífico, laticínio e indústria de fecularias.²

Com o aumento da população e da cidade, houve uma grande melhoria na educação. Antes, a maioria dos alunos que moravam em fazendas saíam de suas casas e andavam alguns quilômetros até a escola. Hoje tem transportes que levam essas crianças de suas casas até a escola, com professores capacitados e

² IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 01 de Outubro de 2024.

tecnologia avançada. Portanto a cidade investe cada vez em uma qualidade de ensino melhorada para que possam promover uma inclusão social.

Anaurilândia e mulheres

Para esta pesquisa foram entrevistadas quatro mulheres, sendo que algumas residem na cidade de Anaurilândia e outras se mudaram para outra cidade em busca de uma vida melhor. Foram escolhidas com o objetivo de contar suas histórias, e mostrar para o público a importância desses relatos como memória dentro da cidade de Anaurilândia, e registrar esses fatos na historiografia. A primeira a ser entrevistada foi uma professora aposentada chamada Izabel Francesca de 74 anos, que reside na cidade de Anaurilândia-MS. A segunda entrevistada, foi Elza Gomes Rodrigues de 55 anos, que reside atualmente em Presidente Prudente-SP, empregada doméstica e dona de casa. E as duas últimas entrevistadas, foram duas enfermeiras, Maria de Lourdes de 61 anos e Luzia Maria Saraiva de 47 anos, que residem na cidade de Anaurilândia-MS. Todas relatam suas histórias dentro da cidade de Anaurilândia-MS (suas infâncias, o que fazem e seus motivos de dizerem o que levou a ser o que são hoje).

Portanto

[...] Ao elaborar o cotidiano, ao contar sobre suas histórias, as mulheres passam a possibilitar um outro entendimento do passado, que leva a uma atuação mais crítica em relação ao presente e futuro. Ao possibilitar que outros sujeitos sejam participantes da história, desentranhamos a história por dentro, revelando e dando a conhecer as lutas e pensamentos forjados na experiência feminina da vida individual ou coletiva. (Tedeschi, 2014, p. 31)

Izabel Francisca dos Santos Nunes, nascida em São João do Paraíso-MG em 23/06/1950, relata, que sua família vem de origem com os povos mediterrâneos e povos indígenas. Seus pais Pedro Francisco dos Santos e Rosa Maria da Rocha eram lavradores, cuidavam de plantações como o arroz e o café. Possui 15 irmãos, segundo ela, todos muitos unidos, apesar das lutas que seus pais tiveram para os criar, hoje são médicos, advogados, juizes e professores, cada um com sua profissão. Possui três filhas e um filho, todos casados e formados, tem sete netos e hoje residem apenas ela e seu marido.

Izabel, chegou em Anaurilândia-MS no dia 18 de setembro de 1973, em busca de melhores condições de vida. Naquela época foi difícil, pois estava longe de

seus pais e não conhecia ninguém da cidade, com o tempo fez amizade com as pessoas da cidade e dentro do ambiente de trabalho. Na sua infância brincava com primas(os), com as filhas do vizinho e colegas de escola, uma de suas brincadeiras favoritas era rimar e jogar versos. Frequentou a Escola Estadual Mendes de Oliveira Oliveira, localizada em São João do Paraíso-MG e terminou seus estudos em Presidente Prudente-SP. Conta que teve muitas recordações boas de professores, da diretora, de colegas de classe e das disciplinas, que aprendeu a ter respeito e patriotismo, ou seja, respeito pelo próximo e amar seu país e cultura. Marcas hoje que carrega consigo.

Na sua juventude frequentava lugares como igreja, festas juninas, romarias e casamentos de filhos dos amigos de seu pai. Izabel, começou a trabalhar aos dez anos de idade ajudando seu pai na roça. Morava com seus pais e avós, e ajudava nas tarefas de casa. Para Izabel, era cansativo, mas divertido, seu pai era considerado um verdadeiro “Marabá listam” (uma expressão usada pela família usada como forma de dizer o quanto a pessoa é disposta, alegre, sem tristeza), era energético e sabia ser criança. No ambiente de trabalho tudo se tornava leve.

Para Izabel, ao referir-se à sua infância,

naquela época, não existia ajuda do governo, e as escolas exigiam uniforme (blusa branca, saia azul plissada, meia branca e sapato preto). A cidade não tinha recursos, principalmente na área de saúde. As pessoas procuravam o estado de São Paulo com muito sacrifício, não tinha estradas, às vezes pegavam carros toureiros que carregavam madeiras, as condições eram um pouco precárias naquela época. Hoje, Anaurilândia, oferece melhores condições e oportunidades para a população.



Figura 4: Professora Izabel e seu Marido
Fonte: Acervo da autora

Elza Gomes Rodrigues nascida na cidade de Xavantina-MT em 14/09/1969, filha de Luciano Gomes de Freitas e Darci Rodrigues de Freitas. Vem de origem de uma cidade chamada Guanambi localizada na Bahia por parte de mãe, e mato-grossense por parte de pai. Possui quatro irmãos chamado, Moacir Gomes Rodrigues (serviu o exército, hoje aposentado) de Campo Grande-MS, Maria Aparecida Gomes Rodrigues (enfermeira aposentada) de Nova Andradina-MS, Denise Gomes Rodrigues (trabalha no frigorífico) de Nova Porto XV, e Neacir Gomes Rodrigues (atualmente trabalho na prefeitura) de Águas Claras-MS.

Elza relata que sempre trabalhou na lavoura ajudando seu pai e sua mãe nos afazeres de casa desde cedo. Na sua infância, brincava de jogar peteca, com bonecas que eram feitas de sabugo de milho, pular corda, passar anel e brincar na chuva com seus irmãos. Também frequentava lugares como Igreja, casa de tios e tias e convivia com seus familiares e amigos.

Frequentou a Escola Estadual Maria José, estudou até a quarta série do ensino fundamental e uma de suas lembranças em especial era de seus/uas professores/as: Ezequiel Balbino, Geni Godoy e Jacira, que sempre a ajudavam com carinho. E suas amigas inseparáveis: Francisca e Joconda.

Com nove anos de idade começou a trabalhar como babá, sua lembrança era de cuidar de uma menininha chamada Luana que foi cuidada com muito carinho e amor, depois teve outros empregos. Seu maior sonho era ser cabeleireira.

Atualmente sua família é constituída pelo seu marido e seus dois filhos, o mais velho mora em Três Lagoas e a caçula em Anaurilândia-MS. Com um ano de idade se mudou para cidade de Anaurilândia-MS e residiu na cidade até seus trinta anos, partiu através de uma condição de vida melhor (médicos e empregos). Atualmente mora em Presidente Prudente-SP.

Para Elza,

atualmente a cidade cresceu, ficou mais bonita e ficou mais acessível, como por exemplo: antigamente para irmos estudar tínhamos que andar vários quilômetros a pé até chegarmos à escola. Não existia ônibus para buscar a gente como hoje. Na roça tínhamos que socar arroz para comermos, para tomar água tinha que pegar de poço, muitas vezes suja. Hoje não existe mais isso, as condições melhoraram.



Figura 5: Elza Gomes Rodrigues
Fonte: Acervo da autora

Maria de Lourdes Souza Paes, nascida em Presidente Venceslau-SP no dia 13/11/1963 é filha de Arcindo Martins Paes e Armi de Souza Paes. Vem de origem baiana e Sul Mato Grossense.

Lourdes possui um filho de 17 anos e quatro irmãos, uma irmã trabalha na escola de merendeira, o mais velho faleceu com 20 anos, a do meio casou e possui 2 filhos e a caçula é casada e tem dois filhos. Atualmente Lourdes é aposentada na área de enfermagem e mora com seu filho.

Seu pai trabalhava em fazenda cuidando de gado e sua mãe era dona de casa. Na sua infância Lourdes, brincava de casinha, pular corda, queimada, esconde-esconde, passar anel e gostava de ir ao rio pular das pontes. Estudou nas fazendas até o quarto ano, que ficavam perto de onde morava. A partir do quinto ano começou a ir à escola com seus irmãos, saía de sua casa e andava alguns quilômetros a pé ou a cavalo até as escolas. Na juventude frequentava lugares como, clubes de dança. Naquela época as pessoas dançavam vanerão, xote e música lenta. Havia respeito entre moças e rapazes, sem bebidas alcoólicas.

Aos 14 anos de idade, começou a trabalhar de babá e depois com seus 20 anos entrou em hospital, depois fez cursos de aperfeiçoamento durante os anos e se tornou técnica em enfermagem. Atuou em vários hospitais dentro e fora da cidade. Com 23 anos se mudou para Campo Grande para trabalhar em hospital, seu sonho era ser psicóloga, ficou grávida e se mudou novamente para cidade de Anaurilândia, onde fez curso de auxiliar de farmácia e depois técnico em enfermagem.

Para Lourdes,

a vida em Anaurilândia hoje é tranquila, não se desenvolveu muito. A cidade continua muito pacata, com poucos empregos. O hospital antigamente, foi um dos melhores e muito bem visto da cidade, vinham pessoas de fora para serem consultados pelos médicos da cidade. Com o tempo as condições do hospital caíram consideravelmente, hoje muitos vão a outras cidades atrás de médicos capacitados para um melhor atendimento. A cidade cresceu, a população aumentou mas, o emprego continua escasso, muitos saem da própria cidade atrás de emprego e uma melhor qualidade de vida.



Figura 6: Maria de Lourdes Souza Paes
Fonte: Acervo da autora

Luzia Maria Saraiva, nascida em Anaurilândia-MS no dia 17/09/1977 é filha de Joaquim José Saraiva e Brasilina Maria Saraiva. Vem de origem mineira.

Luzia possui três irmãos e 4 irmãs. Sendo dois irmãos solteiros e uma das irmãs é freira e o restante casado. Seus pais faleceram, dois irmãos residem na casa de seus falecidos pais, que são os mais próximos de Luzia. O restante mora fora da cidade. Atualmente Luzia convive com seu esposo.

Seu pai trabalhava na roça e sua mãe era dona de casa. Na sua infância gostava de brincar de roubar bandeira, passar anel e esconde-esconde com seus irmãos. Na época passava mais tempo com suas primas, não saia muito em bailes e nem frequentavam lugares badalados, na sua criação seus pais eram muito rígidos.

Luzia trabalhou desde cedo, ajudava seu pai e amigos onde colhiam algodão e feijão, pois era o trabalho da época. As condições eram um pouco precárias, mas eram pessoas humildes que sempre ajudavam o próximo.

Frequentou a Escola Estadual Maria José e apesar das dificuldades da época gostava de estudar e brincar ao mesmo tempo com seus colegas.

Atualmente, trabalha como enfermeira no Hospital Sagrado Coração de Jesus, localizado na cidade de Anaurilândia/MS, apesar da vida corrida como enfermeira é um sonho desde a infância que foi realizado.

Para Luzia

A vida em Anaurilândia é muito boa pois gosto muito daqui é um lugar onde nasci e vivo até hoje e apesar da cidade ter desenvolvido bastante, gostaria de algumas mudanças, como: aumento de emprego, oportunidade nos esportes para nossas crianças, realização de cursos técnicos para os adolescentes, moradia para todos e entre outros projetos que poderiam melhorar na nossa cidade, pois muitos precisam sair da própria cidade para terem que estudar e ir a procura de seus sonhos e ter um futuro melhor. Ainda acredito que essa cidade possa proporcionar o melhor para todos.



Figura 7: Luzia Maria Saraiva
Fonte: Acervo da autora

De acordo com os relatos dessas mulheres percebemos que a maioria tem vidas e ideias em comum, o trabalho no qual começaram desde cedo trabalhando em roça colhendo café, arroz e ajudando suas mães nos afazeres de casa, as dificuldades que passaram ao longo dos anos e as condições de como a cidade era antigamente. E apesar das dificuldades da época, segundo elas, eram pessoas felizes e genuínas.

Outro fato interessante que me chamou atenção aqui neste trabalho, em que Elza relata sobre as bonecas de antigamente serem feitas de sabugo de milho, as espigas eram colhidas antes de serem totalmente formadas, tiravam as palhas com cuidado para não sair o cabelo do milho que era usado para ser o cabelo da boneca. As brincadeiras com petecas, pular corda, brincar de queimada, brincar de esconde esconde, percebo que são brincadeiras que quase não existem mais na atualidade, a tecnologia tornou-se dominante. As danças daquela época onde as pessoas

gostavam de se unirem em um salão e convidavam uns ao outros para dançarem e festejar a noite toda. Hoje percebo que quase não existe mais essas tradições. São memórias que ficaram esquecidas na história.

Portanto,

[...] Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. (Pollak, 1989, p. 9)

Percebemos que, a partir de relatos dessas mulheres de Anaurilândia-Ms, que a cidade não possuía muitos recursos, como a escola próxima ou transporte escolar, pois naquela época, muitas vezes tinham que sair de suas casas e andar alguns quilômetros até a escola, os uniformes que eram exigidos pela escola (blusa branca, saia azul e sapato preto) eram diferentes dos atuais. Hoje a cidade possui meio de transporte que leva e traz as crianças, facilitando o acesso à educação pública.

Empregos formais quase não existiam, muitos ajudavam seus pais na roça para terem seus sustentos, colhiam café, feijão, arroz e passavam por um processo de preparo manual, para plantar eram utilizadas enxadas para afofar a terra. Hoje em fazendas, o plantio e as colheitas são feitas por máquinas capacitadas.

Outro exemplo é o Hospital da cidade, que antigamente era considerado como o melhor em qualidade de médicos, tanto que muitas pessoas vinham de fora para serem atendidas nele. E a partir desses relatos, percebemos que, apesar da cidade ter desenvolvido consideravelmente, para essas mulheres a cidade possui poucas ofertas de emprego, falta universidades e cursos capacitados para os jovens (muitos tem que se deslocar de sua cidade para outra, para poder estudar e outras mudam-se para outra cidade em busca de emprego e condições de vida melhor.

Assim, percebemos que essas mulheres através de seus relatos, são mulheres trabalhadoras que apesar das dificuldades lutaram desde cedo em busca de uma qualidade de vida melhor. Algumas conseguiram realizar seus sonhos e

outras deixaram de seguir por falta de condições, sejam elas financeiras, econômicas ou sociais.

Considerações finais

As histórias de mulheres de Anaurilândia-MS me permitiram conhecer e compreender um pouco mais sobre a realidade da cidade suas tradições, costumes, infraestrutura, saúde e educação.

Por fim, o relato dessas mulheres me levou à compreensão de que a memória a partir da história oral, é uma construção que estabelece um fato, uma representação do passado para o presente através de uma identidade social, ou seja, conhecer a história de um indivíduo e pensar criticamente sobre o passado é importante para entendermos sobre o presente para a construção de um futuro melhor.

Referências

- CORRENT, Nikolas. **História oral e história das mulheres: entre silenciamento e memórias**. N. 1. Paraná: Unioeste, 2022
- JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.
- PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.
- PERROT, Michele. **Minha História das mulheres**. São Paulo, 2.ed, 2012.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p. 3 - 15, 1989.
- SOIHET, R; PEDRO, J.M. **A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n.1, p. 281-300, 2007.
- SANTI, T, A; TOILLIER, J, S. **História das mulheres: marcas de gênero e reflexões sobre a História Oral**. 2020.
- TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamento sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados-MS: UFGD, 2014.